INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TOCANTINS
CAMPUS ARAGUATINS
CURSO EM LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

JULIANNE PEREIRA DE AMORIM

O ENSINO DA CULTURA AFRO- BRASILEIRA: a percepção de uma estudante negra, a partir de sua trajetória no Campus Araguatins do Instituto Federal do Tocantins

ARAGUATINS – TO
2024

JULIANNE PEREIRA DE AMORIM

O ENSINO DA CULTURA AFRO- BRASILEIRA: a percepção de uma estudante negra, a partir de sua trajetória no Campus Araguatins do Instituto Federal do Tocantins

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do *Campus* Araguatins do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientador Prof.º. Dr. Paulo Hernandes Gonçalves da Silva.

ARAGUATINS – TO
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

A524e Amorim, Julianne Pereira de
O ensino da cultura afro-brasileira : a percepção de uma estudante negra, a partir de sua trajetória no Campus Araguatins do Instituto Federal do Tocantins / Julianne Pereira de Amorim. – Araguatins, TO, 2024.
40 p. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Araguatins, Araguatins, TO, 2024.

Orientador: Dr. Paulo Hernandes Gonçalves da Silva

1. Afro-brasileiro. 2. Empoderamento. 3. Estudante Negra. I. Silva, Paulo Hernandes Gonçalves da. II. Título.

CDD 570

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.
Elaborado pelo sistema de geração automatica de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins
Campus Araguatins

ANEXO XIII

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: **O ENSINO DA CULTURA AFRO- BRASILEIRA: A PERCEPÇÃO DE UMA ESTUDANTE NEGRA, A PARTIR DE SUA TRAJETÓRIA NO CAMPUS ARAGUATINS DO INSTITUTO FEDERAL DO TOCANTINS**

AUTORA: **Julianne Pereira de Amorim**
ORIENTADOR: **Dr. Paulo Hernandes Gonçalves da Silva**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, *Campus* Araguatins, como parte das exigências para a conclusão do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Araguatins, 28 de novembro de 2024.

Documento assinado eletronicamente por **Paulo Hernandes Goncalves da Silva**, **Servidor**, em 28/11/2024, às 16:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Cassia Maria de Sousa Pereira**, **Servidora**, em 18/02/2025, às 16:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Francinete Costa Soares Barroso**, **Servidora**, em 18/02/2025, às 16:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ifto.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2582311** e o código CRC **4B9DAC9D**.

Dedico este trabalho aos meus avós, cuja sabedoria, amor e dedicação foram fundamentais para que eu pudesse chegar até aqui. Agradeço por todo o apoio, pelas histórias e pelos ensinamentos que sempre me inspiraram a seguir em frente. Este trabalho é também um reflexo dos valores e da força que recebi de vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela força e sabedoria que me sustentaram em cada etapa desta caminhada. Sua presença foi meu alicerce nos momentos de incerteza, e a fé me guiou para que eu pudesse concluir este trabalho com dedicação e serenidade.

Agradeço à minha família, pelo amor e apoio incondicional. Aos meus pais, que me ensinaram o valor do esforço e sempre estiveram ao meu lado, sou eternamente grata. Sem vocês, esta conquista não seria possível.

Ao meu orientador, Paulo Hernandes Gonçalves da Silva, por sua paciência, orientações valiosas e incentivo ao longo deste percurso. Sua experiência e confiança foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

E, por fim, aos meus amigos, que me apoiaram e compartilharam cada momento desta jornada. A amizade e o incentivo de vocês tornaram os desafios mais leves e a caminhada mais alegre.

Não sou descendente de escravos. Sou descendente de pessoas que foram escravizadas.

Makota Valdinha

RESUMO

O Brasil possui a especificidade de ser uma das maiores sociedades plurirraciais do mundo, e com isso são necessárias ações para a compreensão dessa diversidade. No âmbito educacional, evidencia-se que a cultura africana e afro-brasileira ganha maior evidência a partir da criação da Lei nº 10.639/2003, e alterações da Lei nº 11.645/2008, que apresentam a valorização dos conhecimentos relativos a essas comunidades e o seu desenvolvimento por meio do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI). Este trabalho teve como objetivo de conhecer as perspectivas práticas do ensino de cultura afro-brasileira, a partir da trajetória de uma estudante negra, durante sua formação no Campus Araguatins do Instituto Federal do Tocantins (IFTO). No que diz respeito às características da pesquisa, tivemos uma revisão bibliográfica, uma pesquisa documental e ainda a perspectiva fenomenológica, pela observação, a partir da própria trajetória da estudante-pesquisadora, o que remete a um viés também de pesquisa etnográfica. Chegou-se à conclusão que o campus Araguatins apresenta compromisso com a diversidade relacionada ao povo negro e sua contribuição na formação cultural brasileira, bem como que as atividades realizadas pelo NEABI foram relevantes para o empoderamento da mulher negra e para uma consciência cidadã.

Palavras-chave: afro-brasileiro, empoderamento, estudante negra

ABSTRACT

Brazil has the specificity of being one of the largest multiracial societies in the world, and therefore actions are necessary to understand this diversity. In the educational sphere, it is clear that African and Afro-Brazilian culture gains greater evidence following the creation of Law No. its development through the Center for Afro-Brazilian and Indigenous Studies (NEABI). This work aimed to understand the practical perspectives of teaching Afro-Brazilian culture, based on the trajectory of a black student, during her training at the Araguatins Campus of the Federal Institute of Tocantins (IFTO). With regard to the characteristics of the research, we had a bibliographical review, a documentary research and also the phenomenological perspective, through observation, based on the student-researcher's own trajectory, which also refers to an ethnographic research bias. It was concluded that the Araguatins campus is committed to diversity related to black people and their contribution to Brazilian cultural formation, as well as that the activities carried out by NEABI were relevant to the empowerment of black women and citizen awareness.

Keywords: Afro-Brazilian, empowerment, black student

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO 10

2 REVISÃO DE LITERATURA 13

2.1 Os desafios da mulher negra 14

2.2 Políticas públicas para o fortalecimento da mulher negra..... 16

2.3 O papel da escola no combate ao preconceito racial e de gênero..... 17

3 METODOLOGIA 18

3.1 Tipo de pesquisa 22

3.2 Área de realização 23

3.3 População e amostra 24

3.4 Instrumentos, Plano para coleta e análise de dados 25

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO 25

4.1 Projeto Diálogos entre saberes tradicionais 26

4.1.1. Ensaio Beleza Negra 28

4.2. Novembro Negro 29

4.2.1. Oficina para além da cor da pele 32

4.2.2. Homenagem a Fátima Barros 34

4.3. Afroidentidade 35

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 36

REFERÊNCIAS 38

1. INTRODUÇÃO

O Brasil possui a especificidade de ser uma das maiores sociedades plurirraciais do mundo. Isso se configura pela já existência de povos originários em seu território, logo depois com a chegada de europeus, e em seguida, historicamente, foi o lugar de destino de milhares de indivíduos livres que, trazidos para o país, tornaram-se mão de obra escrava, conforme orienta Rosa e Vieira (2023).

Nessa configuração étnica observa-se que em 2022, cerca de 92,1 milhões de pessoas se declararam pardas, o equivalente a 45,3% da população do país. Desde 1991, esse contingente não superava a população branca, que chegou a 88,2 milhões (ou 43,5% da população do país). Outras 20,6 milhões se declaram pretas (10,2%), enquanto 1,7 milhões se declararam indígenas (0,8%) e 850,1 mil se declaram amarelas (0,4%). Os dados são do Censo Demográfico de 2022 em sua seção de identificação étnico-racial da população, por sexo e idade, cujos resultados do universo foram divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022).

A distribuição demográfica e étnico-racial apresentada aqui evidencia que os recortes sociais se encaminha para variadas interpretações econômicas, políticas, sociológicas, ideológicas e até mesmo educacional. Assim, para Henriques (2002, p. 35), existe "*o objetivo de discutir a importância da Lei nº 10.639/03 (Brasil, 2003), mostrando a relevância de aprofundar o ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira e Africana*", isso se faz com o fito de desenvolver nos indivíduos a superação dos preconceitos, invocando-os para o respeito ao ser humano, independentemente de sua cor, etnia ou classe social.

Portanto, em um ambiente de formação de licenciatura é fundamental compreender como ocorreu a trajetória de formação dos estudantes e das estudantes negras para o desenvolvimento dessa prática educacional antirracista, contra os preconceitos e conscientes de que o racismo e a discriminação são crimes.

Evidencia-se que a cultura africana e afro-brasileira ganha maior evidência a partir da criação da Lei nº 10.639/2003, e alterações da Lei nº 11.645/2008, que apresentam a valorização da cultura e o seu desenvolvimento no ambiente escolar, aprofundando o ensino-aprendizagem sobre as etnias indígenas e africanas na construção identitária brasileira.

A formação integral do estudante precisa ser reflexiva, e neste contexto, observa-se que vivemos em um país grande não só em território, mas também em sua riqueza de diversidade na sua população. Logo, a problemática do trabalho consiste na seguinte pergunta: Como se dá a minha percepção – enquanto estudante negra – sobre o ensino afro-brasileiro no Campus Araguatins do Instituto Federal do Tocantins, durante minha trajetória no ensino médio e superior?

Nesta perspectiva, destaca-que se o objetivo geral é de conhecer as perspectivas práticas do ensino de cultura afro-brasileira, a partir da trajetória de uma estudante negra. Por sua vez, os objetivos específicos são: a) apresentar a importância das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, para a valorização das culturas afro-brasileiras e indígenas; b) mostrar as ações do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígena (NEABI); e c) demonstrar discursivamente, a partir de projetos vivenciados, a trajetória e a consciência crítica de uma estudante negra do Campus Araguatins.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A prerrogativa de assegurar os direitos previstos com as Leis 10639/2003 e 11645/2008, é necessária a partir do aprofundamento dos conhecimentos da etnia negra em nossa sociedade, bem como sua luta pelo respeito e inclusão. Nesse interim, as escolas foram se adequando às legislações, pensando, planejando e executando estratégias para abordar os novos conteúdos e valores exigidos para os afrodescendentes.

Portanto, com base nos objetivos descritos, as instituições criaram setores ou núcleos, que funcionam numa perspectiva multiprofissional, que visam contribuir para trabalhar as referidas temáticas na escola e para a superação dos preconceitos e das atitudes discriminatórias, por meio de práticas pedagógicas de qualidade, incluindo o estudo das influências africanas na construção do povo, da cultura e da identidade brasileira (BITTENCOURT, 2005).

Logo, este trabalho se justifica na análise das ações realizadas pelo Núcleo de Atendimento e Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) do IFTO, a partir de uma análise fenomenológica e etnográfica da própria acadêmica durante a sua trajetória no ensino médio e superior, que contribuíram para o fortalecimento enquanto cidadã e mulher negra.

2.1. Os desafios da mulher negra na sociedade brasileira

Em relação ao papel das mulheres negras no Brasil, pode-se dizer que hoje elas enfrentam problemas em sua estabilidade social e continuam sendo um dos setores mais marginalizados da sociedade brasileira. Ao longo da história do país, elas sofreram (e continuam a sofrer) com o racismo, o machismo e a desigualdade social, e enfrentam mais desafios do que as mulheres de outros níveis sociais. Isso acontece pelas inúmeras situações que enfrentam, seja pelo desprezo que recebem, seja pela extrema perseguição ou alienação (GOMES, 2010).

Nesse contexto, segundo Valente (1994), “as mulheres negras e as mulatas que em geral, sofrem de tripla discriminação: sexual, social e racial. Portanto tudo o que se coloca como problemático para a população negra atinge especialmente as mulheres.” Assim, de acordo com Silva (1999), elas

continuam em último lugar na escala social e é a que mais carrega as desvantagens do sistema injusto e racista do país. Inúmeras pesquisas realizadas nos últimos anos mostram que a mulher negra apresenta menor nível de escolaridade, trabalha mais, porém com rendimento menor, e as poucas que conseguem romper as barreiras do preconceito e da discriminação racial e ascender socialmente. A este respeito destaca-se:

> As mulheres negras são duplamente marginalizadas por conta da interseção entre raça e gênero, o que as coloca em uma posição ainda mais vulnerável na sociedade brasileira. A interseccional idade revela como diferentes sistemas de opressão e privilégio interagem em contextos específicos para afetar as vidas dos indivíduos de maneiras complexas e frequentemente invisíveis (CRENSHAW, 1989, p.23).

Nesse sentido a discriminação racial na vida das mulheres negras é constante; algumas conseguem criar estratégias próprias para conseguir superar as mais diversas dificuldades decorrentes dessa problemática, enquanto outras conquistam o mercado de trabalho, porém acabam pagando um preço alto, abdicando do lazer, da realização da maternidade, do namoro ou casamento. Ainda para Silva (1999), além da necessidade de comprovar a competência profissional, têm de lidar com o preconceito e a discriminação racial que lhes exigem maiores esforços para a conquista do ideal pretendido .

Sobre dados números o IBGE (2022) estabelece:

> As mulheres negras enfrentam taxas de desemprego mais altas e são frequentemente confinadas a empregos de baixa remuneração. Em 2019, a taxa de desemprego entre mulheres negras era de 16,6%, comparada a 8,3% entre homens brancos. Além disso, as mulheres negras ganham, em média, apenas 44% do que homens brancos recebem para realizar o mesmo trabalho, refletindo uma profunda desigualdade salarial." – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022, p.15).

Ser mulher e negra é carregar consigo o peso da escravidão, onde a sociedade é conservadora e preconceituosa, onde são submetidas a vender sua força de trabalho. Conforme Pinto (2006, p.16), ressalta-se que “as conquistas das mulheres atualmente em patamares nunca pensado antes pela sociedade, são grandes expressões das lutas diárias contra os machismos e estigmas”, logo é necessário exigir os direitos a serem reconhecidos, que não só econômicos, mas também políticos, sociais e culturais.

A luta das mulheres negras é sempre mais necessária, “pois leva em conta não só a igualdade de gênero, mas de raça em uma sociedade moldada

por padrões de beleza” (SANTOS, 2020). Por isso, registrar as dificuldades na temática do preconceito e da discriminação racial/étnica faz parte do cotidiano. Para mais, se faz pertinentes, analisar o processo de identidade que tem sido alvo de preconceitos, discriminações e exclusão social e encontrar estratégia para contornar tal situação.

É notório que o racismo está presente na sociedade de forma camuflada e disfarçada, podendo ser observado pelos meios de comunicação, exclusivamente televisivo, de modo, a criar uma crença de que habitamos num paraíso racial, pois a miscigenação “forçada” motivou o mito da democracia racial, que é compreendida como uma corrente ideológica que pretende negar a desigualdade racial entre brancos e negros no país. Desta forma entender o lugar da mulher negra no Brasil é de grande importância pois devido aos problemas estruturais, ela vivencia diariamente todas as formas de exclusão, tanto no campo profissional, psicológico e cultural (CARNEIRO, 2003).

2.2. Políticas públicas para o fortalecimento da mulher negra

Quando se fala em políticas públicas para mulheres negras, é preciso entender o conceito, onde Mead (1995) a define como um campo dentro do estudo da política que analisa o governo à luz de grandes questões públicas e Lynn (1980), como um conjunto de ações do governo que irão produzir efeitos específicos. Pode-se, então, resumir política pública como o campo do conhecimento que busca, ao mesmo tempo, “colocar o governo em ação” e/ou analisar essa ação (variável independente) e, quando necessário, propor mudanças no rumo ou curso dessas ações (variável dependente).

A autora Maria Salet Novellino define a política pública e seus propósitos:

> Políticas públicas são declarações de princípios subjacentes às ações governamentais. Elas podem se expressar como ações dos governos municipais, estaduais ou nacionais tais como legislação, resoluções, programas, regulamentações, apropriações, e decisões administrativas e judiciárias. Elas têm como propósito ser Apesar soluções para questões públicas (NOVELLINO,2004, p.10).

Em países como o Brasil, a função das políticas públicas seria de provimento das necessidades mais básicas de seus cidadãos. Essas necessidades básicas tangem à saúde, trabalho, educação e direitos humanos (NOVELLINO,2004).

De acordo com Lélia Gongalez (2020, p. 38) “ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão’’. Assim, este processo de subordinação das mulheres negras ocorre desde a passagem de seres humanos livres para escravizados. Por isso, pretende, também, salientar a importância de políticas públicas específicas para este segmento.

No que se refere às políticas de combate a violência, segundo Djamila Ribeiro (2019, p. 25):

> O Mapa da Violência de 2015, aumentou em 54,8% o assassinato de mulheres negras ao passo que o de mulheres brancas diminuiu em 9,6%. Esse aumento alarmante nos mostra a falta de um olhar étnico racial no momento de se pensar políticas de enfrentamento à violência contra as mulheres, já que essas políticas não estão alcançando as mulheres negras. O “mulheres” aqui atingiu, majoritariamente, mulheres brancas.

Políticas para as mulheres negras deverão, na visão de Werneck(2010), obrigatoriamente, alicerçar-se em mecanismos consistentes que assegurem sua perpetuação no longo prazo. E, esses mecanismos devem incluir, em primeiro lugar, o fortalecimento das mulheres negras e suas organizações, além de outros setores da sociedade civil engajados com os mesmos objetivos para assegurar o seguimento dos compromissos e iniciativas que apresentem boas perspectivas e resultados, perante as mudanças periódicas ou inesperadas de gestão.

Para o estudioso Audre Lorde (2018, p. 15):

> Quando falamos sobre políticas públicas, é crucial reconhecer que não estamos falando de números ou estatísticas, mas de vidas humanas. As mulheres negras enfrentam desafios únicos devido à intersecção de racismo e sexismo. As políticas devem ser desenhadas para erradicar essas barreiras, promovendo a igualdade de oportunidades e criando espaços onde as mulheres negras possam prosperar sem medo de discriminação ou violência. Somente assim podemos começar a construir uma sociedade verdadeiramente justa e igualitária.

As Políticas inclusivas devem focar na eliminação das disparidades econômicas, educacionais e de saúde, além de combater a violência de gênero e racial.Na perspectiva de Werneck (2010), um dos principais desafios enfrentados pelas organizações negras e de mulheres negras tem sido a garantia de implementação e de sustentabilidade de políticas efetivamente capazes de promover a diminuição das desigualdades.

A mulher preta sempre vai enfrentar diversos desafios em busca de melhorias, de ser vista e principalmente conseguir seu lugar na sociedade. Para isso precisa exigir o despertar dos governantes para as políticas públicas acolhedoras que implicam diretamente na vida das mulheres negras. Contudo é fundamental promover a igualdade e a justiça para as mulheres negras, avançando em tais análises e na proposição de políticas, que promovam a equidade entre os sujeitos na sociedade brasileira. Junto a tudo isso, combater o racismo estrutural para elas poderem traçar seus caminhos com igualdade e oportunidade igualitária.

2.3. O papel da escola no combate ao preconceito racial e de gênero

Compreende-se com a inclusão dessas culturas no meio escolar, ocorre a aquisição das competências e dos conhecimentos que são necessários aos estudos culturais sobre a História de África. Nessa perspectiva de considerando-se a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018), observa-se que:

> no Brasil, um país caracterizado pela autonomia dos entes federados, acentuada diversidade cultural e profundas desigualdades sociais, os sistemas e redes de ensino devem construir currículos, e as escolas precisam elaborar propostas pedagógicas que considerem as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes, assim como suas identidades linguísticas, étnicas e culturais. [...] A igualdade educacional sobre a qual as singularidades devem ser consideradas e atendidas. Essa igualdade deve valer também para as oportunidades de ingresso e permanência em uma escola de Educação Básica. [...] Para isso, os sistemas e redes de ensino e as instituições escolares devem se planejar com um claro foco na equidade, que pressupõe reconhecer que as necessidades dos estudantes são diferentes (Brasil, 2018, p. 15).

Portanto, fica evidente que o estudo sobre a História Afro-Brasileira é relevante para toda a sociedade brasileira, não apenas para um grupo específico, tendo em vista ser este um estudo para alicerçar as bases de formação de cidadãos conscientes e atuantes, capazes de solidificar uma sociedade democrática, a começar pela família e escola (ROSA; VIEIRA, 2023).

Nesse sentido, fica evidenciada a importância e a necessidade de os educandos conhecerem uma perspectiva pedagógica da História dos afro-brasileiros, em aspectos culturais, sociais e religiosos para tornar possível uma compreensão dos valores que os povos negros possuem.

E por isso, uma das melhores ações foi a estruturação em setores específicos para essa abordagem de forma pedagógica que são os Núcleos, popularizados com o nome de NEABI. Para Rosa e Vieira (2023), a partir do NEABI, faz-se necessário que a temática seja trabalhada amplamente nas escolas, com acesso às histórias de um povo que ainda muitos desconhecem. Desse modo, intermediados por esses novos conhecimentos, os alunos formarão novos conceitos e desmistificarão seus preconceitos.

Por conseguinte, o Instituto Federal do Tocantins, atento a importância desse movimento, possui o NEABI - Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas, que desde 2003, direciona pesquisas e ações alinhadas às questões étnico-raciais, ações afirmativas, cultura e história dos povos negro e indígena (IFTO 2023).

O NEABI do campus Araguatins, por sua vez, é constituído por grupos de ensino, pesquisa e extensão voltados para o direcionamento de estudos e ações alinhados às questões étnico-raciais. Está voltado para as ações afirmativas e em especial para a área do ensino sobre África, cultura negra e história do negro no Brasil, conforme prescrito na Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, e sobre as questões indígenas, conforme disposto na Lei n.º 11.645, de 10 de março de 2008, que normatiza a inclusão das temáticas nas diferentes áreas de conhecimento e nas ações pedagógicas (IFTO, 2020).

3 METODOLOGIA

Os procedimentos de metodologia da pesquisa acadêmica têm relevante importância no processo de construção do Trabalho de Conclusão de Curso, pois permitem que que o pesquisador responda ao problema proposto e, consequentemente, atinja os objetivos esperados. Outro aspecto, conforme cita Vergara (2005), é a possibilidade de aproximar o pesquisador ao objeto de estudo, e assim, os resultados podem apresentar novas perspectivas para o fenômeno pesquisado.

3.1. Tipo de pesquisa

Para a consecução dos objetivos desse trabalho é necessário que se faça uma pesquisa de revisão bibliográfica, uma pesquisa documental e ainda a perspectiva fenomenológica, pela observação, a partir de minha própria trajetória, o que remete a um viés também de pesquisa etnográfica.

3.2. Área de realização

Como universo da pesquisa, tem-se exclusivamente o Campus Araguatins do IFTO, bem como outros espaços também relacionados à unidade.

3.3. População e amostra

Por se tratar de pesquisa bibliográfica, documental e fenomenológica (com viés etnográfica), a partir de minhas observações enquanto estudante, não haverá outros sujeitos na pesquisa.

3.4. Instrumentos, plano de coleta de dados e plano para análise dos dados

O primeiro instrumento utilizado para a coleta de dados será a compreensão discursiva das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, uma vez que estas são importantes para a inclusão de temáticas de língua, história e cultura relevantes aos negros e indígenas, e que neste caso, o foco será prioritariamente os afro-brasileiros.

O segundo instrumento será a utilização dos documentos institucionais de posse do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígena (NEABI) do Campus Araguatins, sejam físicos, processos ou páginas eletrônicas,que demonstrem as ações do referido núcleo, com foco a partir do ano de 2017.

Em seguida, o terceiro instrumento será a própria vivência, com perspectiva fenomenológica, que demonstrem a criticidade e evolução de consciência negra da estudante, dentro do Campus Araguatins, desde 2017, quando ingressou no ensino médio, até o ano de 2024 (atualmente no curso superior): a saber: a) Projeto Beleza Negra (2018); b) Semana da Consciência Negra (2019); c) Oficina para além da cor da Pele (2020); d) Homenagem à Fátima Barros (2022); e) Afroidentidade (2022); f) Afroidentidade (2023).

Desta forma, sobre a importância dos instrumentos de pesquisa, temos as prerrogativas de Leitão (2021):

> Por essa razão, para que um pesquisador saiba avaliar se cada elemento são um instrumento de coleta de dados adequado para uma determinada investigação científica, ele deve, primeiramente, refletir se sua pesquisa está alinhada ao paradigma qualitativo e ao tipo de problema que esse paradigma busca explorar (LEITÃO, 2021, p. 04).

Metodologicamente, quando se aborda o próprio fenômeno como objeto do estudo, em que a vivência educacional é levada em consideração, vale o destaque de Viggiani Bicudo (2020), sobre a fenomenologia dentro da educação:

> É nesse entendimento que se encontra a importância da descrição em investigações qualitativas fenomenológicas. É um modo de ir à coisa, ela mesma , porém entendendo que ao nos referirmos a ela, já nos afastamos dela. E, mais do que isso. Valemo-nos de intermediário: a linguagem que veicula o vivenciado e compreendido no movimento de constituição do conhecimento. Antes de focar as questões filosóficas implicadas no estudo da linguagem, vou expor como vejo o encontro da filosofia fenomenológica com a investigação do mundo da educação e o rigor do pesquisador para realizar uma investigação. O ambiente da educação é subjetivo e também intersubjetivo e objetivo, como todo solo do mundo-vida em que habitamos. As atividades realizadas pelo aluno permitem que estudemos fenômenos situados que interrogamos (VIGGIANI BICUDO, 2020, p.53).

Destaca-se, portanto, que a pesquisa que é originada do método

fenomenológico será qualitativa, já que o objetivo dela para conhecer o outro e a si mesmo é a própria vivência, e que neste caso, os fenômenos condizentes à questão afro-brasileira vividos pela pesquisadora serão descritos e demonstrados, com efeito a práticas de 2018 a 2024.

Outro ponto relevante é o fato de perpassar por uma pesquisa etnográfica. Destaca-se que a conceituação da Etnografia, enquanto método, remete a um dos principais pontos - o foco de entender a cultura de comunidades e grupos sociais. Em resumo, nota-se que estudar a cultura envolve um exame aprofundado dos comportamentos, costumes, crenças, entre outras coisas compartilhadas dentro daquela comunidade, conforme preceitua a professora Daiane Conti (2000).

Segundo Djamira Ribeiro ao ter como objetivo a diversidade de experiências, há a consequente quebra de uma visão universal. Uma mulher negra terá experiências distintas de uma mulher branca por conta de sua localização social, vai experenciar gênero de uma outra forma.

“Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade". Essa frase, retirada do livro de Carolina Maria de Jesus é muito significativa tanto dentro da trajetória individual dela,como também do ponto de vista histórico. Ela faz parte de uma reflexão maior da autora onde ela diz “Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade“(JESUS, 1961).

> Quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu também, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado. A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é alguma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. Escrever e ser reconhecido como um escritor ou como escritora, aí é um privilégio da elite. (Evaristo, 2010).

Já Petronilha Beatriz reforça sobre o impedimento de ter acesso a conhecimentos de diferentes origens étnico-raciais, e ficamos ensinando um elenco de conteúdos tido como o mais perfeito e completo que a humanidade já teria produzido. Tornamo-nos incapazes de perceber as vozes e imagens ausentes dos currículos escolares: empobrecidos, mulheres, afro-

descendentes, africanos, indígenas, idosos, homossexuais, deficientes, entre outros.

Sendo entendida como um processo contínuo, construído pelos negros e negras nos vários espaços − institucionais ou não − nos quais circulam, podemos concluir que a identidade negra também é construída durante a trajetória escolar desses sujeitos e, nesse caso, a escola tem a responsabilidade social e educativa de compreendê-la na sua complexidade, respeitá-la, assim como às outras identidades construídas pelos sujeitos que atuam no processo educativo escolar, e lidar positivamente com a mesma (GOMES, Nilma Lino)

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Projeto diálogos entre saberes tradicionais e indígenas

4.1.1.Ensaio Beleza Negra (2018) / Semana da consciência negra

O objetivo da Lei 10.639/03 não é substituir uma educação eurocêntrica por outra afrocêntrica, mas sim valorizar os aspectos culturais africanos e afro-brasileiros que por muitos anos foram silenciados e discriminados na educação nacional, portanto é papel fundamental do docente educar para a diversidade.

> O problema não é afirmar um pólo e negar outro, mas sim termos uma visão dialética da relação entre igualdade e diferença. Hoje em dia não se pode falar em igualdade sem incluir a questão da diversidade, nem se pode abordar a questão da diferença dissociada da questão da igualdade. [...] não se deve opor igualdade à diferença. De fato, a igualdade não está oposta à diferença e sim à desigualdade. Diferença não se opõe à igualdade e sim à padronização, à produção em série, a tudo 'o mesmo', à 'mesmice' (CANDAU Apud OLIVEIRA, 2007: 11).

Desde os primeiros dias no ensino médio, sempre pensava em como os outros me viam, em como me considerava uma minoria, uma pessoa inferior comparada com os outros, estava em um ambiente com pessoas que eu não conhecia, não conseguia ter o empoderamento que precisava. A timidez era constante, não me encaixava no padrao, e aquilo de alguma forma me chateava. As mulheres negras habitam um espaço vazio, um espaço que se sobrepõe às margens da raça e do gênero, o chamado "terceiro espaço" . . . habitamos uma espécie de vácuo de apagamento e contradição . . . Tais narrativas separadas mantém a invisibilidade de mulheres negras. (**Kilomba, 2019**, pp. 97-98).

Em várias ocasiões, senti que minhas opiniões ou contribuições em sala de aula eram desconsideradas ou não valorizadas. Em discussões sobre temas que envolvem raça, por exemplo, percebi que, mesmo sendo uma das poucas estudantes negras, minha perspectiva era frequentemente ignorada ou deslegitimada, como se minha vivência não fosse relevante ou suficiente para sustentar um argumento acadêmico. Isso gerou em mim uma sensação de invisibilidade, como se o meu lugar naquele espaço não fosse de fato reconhecido minha aparência, sobre meus cabelos e até mesmo como tinha conseguido ingressar ali. Muita das vezes esses episódios minavam minha autoestima, fazendo com que eu questionasse minhas próprias capacidades e o valor da minha presença na escola. A autoimagem corporal é um "elemento expressivo da personalidade diretamente relacionado á autoestima, sendo a forma como o

individuo se percebe a partir das apreensões de informações que lhe são fornecidas durante a vida” (LIMA,2022, p.11). Porém até hoje me recordo, quando um anjo chegou pra mim e me convidou pra participar de um ensaio fotográfico chamado Beleza Negra, onde os estudantes tinham a oportunidade de se sentirem valorizados pela cor da sua pele, e podiam ser os próprios protagonistas como vemos nas figuras 1 e 2.

FIGURA 1 e 2 - Ensaio fotográfico Beleza Negra

Fonte- A autora

O projeto intitulado “Diálogos entre saberes tradicionais e indigenas (NEABI), tinha como objetivo promover através da conscientização uma convivencia harmonica entre as diferenças existentes na escola, onde os estudantes participavam de um momento maravilhoso de interação com os demais, e assim tinha o ensaio fotográfico com o intuito de prestigiar a beleza negra e retratar, em fotografias, parte de uma cultura belíssima, que é a cultura Africana.

Ali pude me sentir especial, com uma autoestima melhor, assim construindo minha consciência de que minha cor não me fazia diferente de ninguém. No ensaio fotográfico podiamos ser nós mesmo, fazer pinturas pelo corpo e simplesmente se sentir empoderada, com as lindas fotos ali tiradas. E com o passar dos dias as fotos eram expostas na culminancia, onde havia desfiles, apresentações culturais, desenhos, tudo voltado pra consciência negra,um momento mágico que não tinha explicação, apenas vivia e sentia a emoção de estar sendo valorizada pela cor, de não precisar se senti inferior a ninguém, e simplesmente mostrar o quanto a nossa beleza negra é importante, o quanto podia me empoderar, soltar meus cabelos do meu jeitinho sem precisar ser oprimida por ninguém, como observado nas figuras 3 e 4:

FIGURA 3 e 4 - Ensaio fotográfico Beleza Negra

Fonte- A autora

> [...]reforçadores positivos geram sensações agradaveis, as críticas e punições podem gerar condições corporais adversas. A pessoa que é valorizada, reconhecida sente-se competente e aquela que é punida e criticada diante de seus feitos sente-se incompetente. Assim, a medida que há a interação com o ambiente, a referencia de si mesmo é construida. Essa referencia pode ser positiva ou negativa. (SILVA; MARINHO,2002, p.230).

O conceito de beleza é algo que impacta desde muito cedo a vida das mulheres negras, impactando inclusive sobre o direcionamento do afeto por parte dos próprios familiares, a beleza é “decisiva quanto ao afeto que ela pode ou não receber da familia” (SOUZA,2009, p.374). A ideia de beleza também interfere na construção da identidade da pessoa. Jessé Souza afirma que a beleza estética é um critério relevante na autoestima das mulheres negras, tornando o racismo mais agressivo para elas.

4.2. NOVEMBRO NEGRO

4.2.1.Oficina para além da cor da pele

No período pandemico houve uma transmissão ao vivo pelo youtube que se chamava Para além da cor da pele: Um bate papo sobre racismo estrutural, foi uma live realizada através da parceria entre o campus Araguatins,com o NEABI- Nucleo de Estudos Afro- Brasileiros e Indígenas, e com o CEOF - Colégio Estadual Osvaldo Franco, como parte das programações do Novembro Negro, mes de sensibilização as questões afirmativas e combate ao racismo.

O mês de novembro tem grande significado para a comunidade negra no Brasil, sendo marcado por eventos e reflexões que buscam celebrar, discutir e ressignificar a negritude.O dia 20 de novembro ficou conhecido como “Dia da

Consciência Negra” e tornou-se marcante para o povo negro. Essa parcela da população, enfim, conquistou a oportunidade de receber o seu devido reconhecimento diante da sociedade. A partir desta data, a valorização da cultura africana ficou cada vez presente em produções literárias e propostas de projetos escolares. Como estudante negra, participar de um evento do Novembro Negro com o tema "Para Além da Cor da Pele" trouxe uma oportunidade de reflexão profunda sobre a minha própria identidade e o lugar das pessoas negras na sociedade.

FIGURA 5 - Folder de divulgação da transmissão da live

Fonte- A autora

Um dos primeiros sentimentos ao entrar na transmissão foi o sentimento de gratidão, e pertencimento por ter sido a mediadora na condução do evento. Esse acolhimento permitiu-me sentir-me mais segura em explorar questões que usualmente são marginalizadas em espaços acadêmicos. Esse aspecto é discutido por hooks (1995), que reforça a importância de espaços onde a negritude é vista de forma positiva e empoderadora.

Esse sentimento foi especialmente significativo, pois, ao longo da minha trajetória, experimentei diversas situações de isolamento e exclusão por conta da minha cor. Em eventos convencionais, muitas vezes sentia a necessidade

de “ajustar” minha fala e comportamento para me adaptar ao espaço. No entanto, durante essa transmissão, senti uma liberdade de expressão, sem a sensação de vigilância ou julgamento.

Um dos momentos mais emocionantes do evento foi a partilha de histórias pessoais pelos palestrantes e alguns participantes como visto na Figura 6, uma fala sobre o racismo estrutural. Essas narrativas de enfrentamento, superação e orgulho na identidade negra trouxeram-me inspiração e identificação. Eu percebia como cada relato tornava-se uma ponte entre as experiências pessoais e uma realidade compartilhada, o que permitia entender a dimensão estrutural das questões raciais.

FIGURA 6- Fala sobre racismo estrutural

Fonte- A autora

O tema “Para Além da Cor da Pele” trouxe uma ambiguidade instigante que gerou reflexões importantes. A princípio, a frase parecia sugerir um convite a ver para além das aparências e, talvez, a desconsiderar a cor. No entanto, à medida que os palestrantes avançaram na discussão, ficou claro que o propósito era justamente reafirmar que, embora sejamos mais do que nossa cor, ela carrega significados culturais e históricos profundos que moldam nossas experiências.

Esse conceito me levou a uma compreensão mais rica da minha própria identidade,onde me deixou a reflexão de perceber que ir “além” da cor da pele implica em reconhecer e valorizar toda a nossa humanidade, ao mesmo tempo em que se honra a herança e os desafios da negritude.

Outro aspecto significativo foi a chamada para a ação coletiva e para a

construção de redes de apoio. Em muitos momentos do evento, senti que a questão racial, embora individualmente sentida, também deve ser enfrentada coletivamente. A fala de um dos palestrantes ressaltou a importância de fortalecer a comunidade e criar laços de apoio, o que despertou em mim a motivação para me engajar mais ativamente em coletivos de estudantes negros e em iniciativas de combate ao racismo.

O evento concluiu com uma discussão sobre as formas de resistência que vão além do enfrentamento, focando no fortalecimento das redes negras, no desenvolvimento de autoestima e na promoção de uma visão positiva da identidade negra. Saí do evento com uma sensação de empoderamento, motivada a buscar mais conhecimentos sobre a minha história e a me engajar em espaços que valorizam a diversidade racial. Essa consciência, como aponta Fanon, é fundamental para a construção de uma subjetividade livre dos estereótipos e limitações impostas pela sociedade.

A participação no evento "Para Além da Cor da Pele" foi uma experiência profundamente significativa, permitindo-me refletir sobre o papel da minha identidade negra no contexto acadêmico e social. Através da abordagem fenomenológica, consegui compreender como um evento do Novembro Negro não apenas celebra a negritude, mas oferece um espaço de resistência, aprendizado e empoderamento, que, como bell hooks sugere, transcende o ambiente educacional tradicional, promovendo uma prática de liberdade e afirmação racial.

> Após a promulgação da lei 10.639 e a criação de agências promotoras da igualdade racial e afins, há ainda um longo caminho a ser percorrido, até que se supere a inconsistente ideia de democracia racial, ainda vigente no Brasil contemporâneo. Além disso, é necessário analisarmos tais questões por diversos prismas: embora a lei reconheça a importância da luta do negro no Brasil e sua trajetória; obrigue o ensino da cultura negra nas escolas, por meio de pesquisas teóricas e práticas e acuse a vertente eurocêntrica da história ensinada nas escolas como única e soberana (PEREIRA e SILVA, 2012, p. 09).

Mesmo desligando a câmera e saindo da sala virtual, senti que ainda carregava algo especial daquela experiência. Percebi que, embora nossas diferenças sejam reais e importantes, existe uma humanidade comum que pulsa em cada um de nós e que pode ser acessada e celebrada. Essa oficina me mostrou que, mesmo em ambientes online, podemos nos conectar com a essência uns dos outros, para além das limitações visíveis e das categorias que, muitas vezes, insistimos em carregar.

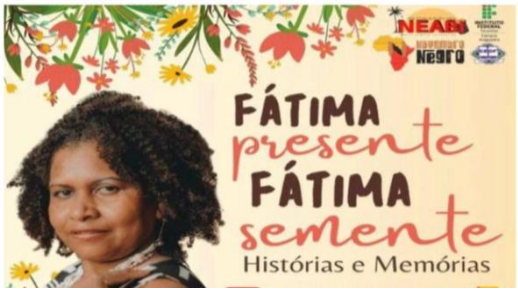
4.2.2. Homenagem à Fatima Barros

Ao refletir sobre a vida de Fátima Barros, sou tomada por uma profunda admiração pela força e resiliência que marcaram sua trajetória. Nascida e criada em um quilombo, ela representou o espírito de resistência, enfrentando os desafios históricos e cotidianos de ser mulher negra em um espaço onde os direitos e a dignidade da comunidade são frequentemente ignorados. Sua atuação foi um exemplo de luta por justiça e igualdade, uma luta que ela assumiu de forma incansável. Essa dedicação reflete a tradição de resistência quilombola, remontando a Zumbi dos Palmares e outros líderes que lutaram pela liberdade e dignidade de seu povo.

Determinação e ativismo, certamente essas duas características não podem faltar em qualquer biografia sobre Fátima Barros. A liderança quilombola sempre esteve à frente de movimentos que buscavam a garantia de direitos, em especial, atuava na defesa da educação para o povo negro da região do Bico do Papagaio. Infelizmente, Fátima foi uma das vítimas da pandemia do novo coronavírus, em 2021.

Mesmo diante de sua ausência física, suas memórias e ensinamentos continuam vivos. No dia 6 de abril completou um ano de sua partida. No dia 8 de abril, o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI), da unidade de Araguatins do IFTO, que tinha Fátima Barros como um de seus membros, promoveu um evento em sua homenagem, no espaço de vivência da unidade de Araguatins, nos períodos da manhã e noite.

FIGURA 7- Folders de divulgação



Fonte- A autora

A programação da ação contou com uma exposição fotográfica, depoimentos e apresentações culturais. A professora do IFTO e amiga pessoal

de Fátima, Lucinalva Ferreira, aproveitou a ocasião para destacar a importância do legado deixado por sua amiga, e pontou que um dos desejos de Fátima era que sua história de luta não fosse esquecida. Já a também professora do IFTO, Josinete Araújo, afirmou que foi uma honra para os que conviveram com Fátima acompanhar sua trajetória em defesa das comunidades quilombolas**., conforme se observa na figura que segue:**

Figura 8 – Exposição fotográfica

Fonte- A autora

A estudante do curso Técnico em Agropecuária Integrado ao ensino médio, Ana Letícia Resplândes, emocionou o público presente, ao declamar um poema sobre Fátima e em seguida declarar que sua autoafirmação como mulher negra e ativista foi influenciada por Fátima Barros.

“Achei esse momento maravilhoso, Fátima foi bem representada, durante as apresentações eu senti como se ele estivesse presente, como se ela estivesse ali junto de nós”, disse o senhor Miguel Batista Barros, irmão de Fátima Barros convidado como representante da família para participar das homenagens.

Mas quem foi Fátima Barros? Fátima Barros era filha de Araguatins, vinda de uma família de nove filhos, de mãe quilombola, lutou para se formar pedagoga e contribuir com a luta em defesa da educação para o povo negro da região do Bico do Papagaio, no Tocantins. Ativista de causas sociais educativas e territoriais quilombolas.

Fátima era liderança e referência nacional na luta pela terra das comunidades tradicionais. Por isso, sempre estava presente nas discussões e mobilizações, compartilhando saberes e defendendo os direitos dos povos do Cerrado frente a devastação do agronegócio, combatendo a política genocida a

tais vidas e lutando contra o racismo. Filha de Cantidio Barros e Vicência Barros, Maria de Fátima era a nona filha de uma família de dez irmãos. Além disso, era professora, foi a primeira de sua família a ingressar no ensino superior e iria defender sua dissertação de mestrado no próximo mês, porém não resistiu aos vários dias de internação. Vítima da covid-19, a quilombola tocantinense, já havia perdido o irmão mais velho, o senhor Raimundo Batista Barros, no último dia 30/03, para a mesma doença.

"Somos a luta daqueles que atravessaram o mar nos navios, daqueles que retornaram em nós e que depois de nós voltarão em outros guerreiros. Nós somos povo Banto! Nós não morremos! Nós sempre voltaremos! Nós somos guerreiros de Zumbi e Dandara, nós somos a força do Quilombo!", disse ela em um dos vários Encontros de Povos Tradicionais dos quais fez parte.

Perder uma líder como ela para a COVID-19 trouxe uma dor que vai além da tristeza individual; é uma dor coletiva, uma ferida que se abre em toda a comunidade. Em um momento em que o isolamento e o distanciamento eram necessários, a sua partida nos fez sentir ainda mais o peso da ausência. Sua morte não é apenas uma perda pessoal, mas também um lembrete das desigualdades que o povo quilombola enfrenta. A COVID-19 escancarou as vulnerabilidades de comunidades como a dela, que têm menos acesso a recursos básicos de saúde e saneamento.

Esse luto coletivo evidencia a fragilidade e a negligência histórica em relação aos povos quilombolas, que lutam há séculos por reconhecimento e respeito. Em seu falecimento, percebemos a necessidade urgente de continuar sua luta e garantir que sua vida e legado não sejam em vão.

Essa experiência de perda despertou em mim e em outros membros da comunidade uma responsabilidade em dar continuidade ao trabalho dela, uma tarefa que encaramos como uma honra e um dever. Ela nos deixou um legado de resistência e cuidado que agora cabe a nós sustentar e expandir.

Esta homenagem busca não apenas lembrar uma vida, mas também perpetuar o legado de Fátima. Sua trajetória de vida ilustra a força do espírito quilombola e a importância da resistência coletiva. Com sua partida, reafirmamos o compromisso com a luta por dignidade e igualdade para todos os quilombolas e para a comunidade negra, de modo que sua memória siga viva em cada ação e em cada passo dado em direção a um futuro mais justo.

4.3. AFROIDENTIDADE

O evento tem como objetivo reafirmar o compromisso do IFTO com a diversidade relacionada ao povo negro e sua contribuição na formação cultural brasileira. Ele faz parte das atividades alusivas ao Dia Nacional da Consciência Negra, que é comemorado no dia 20 de novembro.

Participar do evento AfroIdentidade foi uma experiência transformadora. Desde o primeiro momento, percebi um sentimento de acolhimento e pertencimento, algo que raramente encontro em espaços acadêmicos ou profissionais. Ao ver pessoas negras liderando debates e oficinas, senti uma conexão imediata com as discussões, que pareciam finalmente representar minha história, minha vivência e minhas dores.

FIGURA 9 - Apresentação cultural de poesia

Fonte- A autora

A exposição à cultura e história afro-brasileira, muitas vezes apagadas ou ignoradas, trouxe-me uma sensação de resgate e empoderamento. Descobri novas formas de enxergar minha própria identidade, como um elemento não apenas individual, mas coletivo. Foi um momento de reconhecimento e valorização de quem sou, marcado por uma profunda sensação de orgulho, ao estar no palco recitando poesia, como visto na figura 9.

As oficinas de mentoria e os diálogos com profissionais negros foram especialmente impactantes. Ver pessoas negras ocupando espaços de destaque me mostrou possibilidades que antes pareciam inalcançáveis. A escuta dessas trajetórias de sucesso me motivou a acreditar mais em mim mesma e a redefinir meus próprios limites.

Passei a enxergar o futuro como algo mais concreto e viável, com caminhos que, embora desafiadores, são possíveis de serem trilhados. Essa experiência me fez refletir sobre a importância de representações positivas e de referências que se pareçam comigo. Foi como se meu senso de agência fosse renovado, algo que Freire definiria como um despertar para o poder transformador da consciência crítica.

Além das discussões e reflexões, o AfroIdentidade foi um evento que impactou também meus sentidos e emoções. A música, as cores e os ritmos da cultura negra apresentados no evento trouxeram memórias de infância e de pertencimento à minha herança cultural. Essa dimensão sensorial conectou minha história pessoal com a história coletiva do povo negro, criando um momento de profunda ancestralidade.

A participação na mostra de vídeos do evento AfroIdentidade trouxe uma experiência única de reconhecimento e valorização da minha voz enquanto jovem negra. Ao apresentar o vídeo que criei, senti que minha perspectiva e minha vivência foram não apenas ouvidas, mas também celebradas. Quando meu trabalho foi premiado, uma sensação de orgulho tomou conta de mim — não apenas por vencer, mas por perceber que minha história e criatividade foram legitimadas em um espaço tão significativo.

FIGURA 10- Curta Metragem e premiação

ME GRITARAM NEGRA JUH MOORE

Fonte- A autora

Assistir aos outros vídeos da mostra, criados por jovens negros, foi igualmente inspirador. Cada obra contava uma história única, mas conectada a um fio condutor comum: a resistência, a ancestralidade e a identidade. Ao perceber a diversidade de narrativas e talentos que compartilhamos, senti-me parte de uma rede maior, uma teia que valoriza e amplifica as vozes negras.

Essa representatividade contribuiu para minha autoconfiança, especialmente ao perceber que, ao lado de outras narrativas negras, meu trabalho tinha um lugar legítimo. Foi como se minha produção não fosse apenas individual, mas também coletiva, como uma peça de um mosaico maior que afirma nossa cultura e identidade.

Ao ganhar o prêmio na mostra de vídeos, vivi um momento de validação pessoal e comunitária. Foi como se minha trajetória, marcada por desafios e superações, tivesse sido reconhecida e celebrada. Mais do que a conquista material, esse momento representou a quebra de barreiras internas que, por vezes, me fizeram duvidar do meu lugar em espaços criativos.

FIGURA 11- Curta Metragem e reconhecimento dos autores dos videos

Fonte- A autora

Esse reconhecimento despertou em mim um novo senso de pertencimento. Senti que minha produção artística e intelectual tinha um impacto, que minhas histórias e vivências poderiam, de fato, tocar outras pessoas e contribuir para a valorização da identidade negra. Esse processo ressoa com Paulo Freire, que aponta a importância do diálogo e da expressão como meios de construção coletiva de significados.

Os vídeos apresentados na mostra, inclusive o meu, evidenciaram a conexão profunda entre nossa produção contemporânea e nossas raízes ancestrais. No meu caso, o processo de criar o vídeo foi uma forma de resgatar memórias familiares e de celebrar a herança que carrego. O evento me fez refletir sobre como a arte negra é um ato contínuo de resistência e celebração.

Ao receber o prêmio, lembrei-me da força dos meus antepassados, que lutaram para que eu pudesse estar ali, criando e compartilhando. Essa percepção trouxe um novo significado ao meu trabalho, mostrando-me que a arte é uma ponte entre o passado e o presente, uma forma de honrar aqueles que vieram antes de nós.

A experiência no AfroIdentidade e a conquista na mostra de vídeos não apenas transformaram minha percepção sobre mim mesma, mas também ampliaram minha visão sobre o que é possível construir no futuro. Senti-me inspirada a continuar produzindo narrativas que valorizem a identidade negra e a criar mais espaços onde outras pessoas negras possam se expressar livremente.

O evento reafirmou meu compromisso com a luta por mais representatividade e com a construção de um futuro onde talentos negros sejam celebrados sem restrições. Ao final do evento, percebi que essa conquista não era apenas minha, mas de todas as pessoas que me apoiaram e inspiraram ao longo dessa jornada.

A participação no evento AfroIdentidade e a premiação na mostra de vídeos foram experiências profundamente marcantes. Fenomenologicamente, esse momento foi um ponto de virada na minha trajetória como estudante negra, reafirmando meu lugar de fala, criatividade e pertencimento. Ele reforçou a importância de espaços que promovam o diálogo, a arte e a identidade como instrumentos de resistência e transformação social.

Ao final do evento, percebi uma mudança significativa na forma como vejo

meu papel na comunidade negra. AfroIdentidade não apenas me fortaleceu individualmente, mas também despertou um desejo de contribuir para que mais pessoas vivam experiências como a que eu vivi. Senti-me convocada a participar de iniciativas que valorizem a juventude negra e fortaleçam nossa presença em espaços de poder.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir minha jornada acadêmica como estudante negra é mais do que completar um marco; É reafirmar a minha existência num espaço que muitas vezes tentaram apagar. A fenomenologia permitiu-me considerar cada experiência deste percurso como algo único, mas também parte de uma luta coletiva mais ampla. Cada desafio vencido, cada conquista alcançada, cada silêncio imposto e cada voz levantada compõem a trama da minha experiência.

Ser uma estudante negra não significa apenas conseguir uma vaga na academia; é resistir todos os dias às estruturas que tentam excluir, ressignificando estes espaços com as nossas histórias e presenças. Vivi e compreendi que estar aqui é um ato de coragem, autodescoberta e afirmação de identidade.

Refletindo sobre essa jornada, percebi que minha existência não é apenas sobrevivência, mas também criação. Cada passo que dou é um caminho aberto para outros e cada experiência que vivi aqui é a base de uma história que continua a ser escrita, com força, coragem e esperança por um mundo mais justo e inclusivo.

Participar de diversos eventos durante minha trajetória universitária foi uma experiência transformadora que ampliou minha visão sobre meu papel como estudante negra e o poder das trocas coletivas. Cada evento foi único, mas todos tiveram um elemento em comum: a oportunidade de afirmar minha identidade, adquirir conhecimentos e contribuir para os debates que valorizam nossas histórias e narrativas.

Esses momentos foram mais que atividades extracurriculares; eram áreas de pertencimento e descoberta. Seja ao compartilhar minha produção em uma mostra cultural, ao debater temas relevantes em uma mesa-redonda ou ao ser premiada por um trabalho que reflete minha identidade, cada evento contribuiu para o fortalecimento da minha percepção como protagonista da minha própria história..

Através destas experiências, compreendi que cada gesto, cada palavra partilhada e cada projeto apresentado são atos de resistência e de criação.Os eventos que marcaram minha trajetória não apenas me desafiaram intelectualmente, mas também me conectaram com outras pessoas negras que, como eu, enfrentam as barreiras impostas por um sistema excludente e racista.

Conhecer e dialogar com essas pessoas foi um aprendizado valioso, que me mostrou a força da coletividade e da ancestralidade como pilares de nossa luta e existência.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe. **Identidade nacional e ensino de História do Brasil**. In: KARNAL, Leandro (org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2005.

BRASIL. LEI 11.645/08. **Altera a legislação e inclui História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena**.Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm. Acesso em: 21mai2024

BRASIL. Ministério da Educação; Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC/SEB/Dicei, 2018.

BRASIL. Lei nº 10.639/03. **Dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana nas escolas públicas**. Brasília, 2003. Brasília: MEC/Secretaria Especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2004.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**: Estudos Avançados, São Paulo, nº 49.2003.

CONTI, Daiane de Macedo Costa. **Etnografia e educação**: uma metanálise. 149 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex**: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory, and Antiracist Politics. University of Chicago Legal Forum, 1989.

GOMES, Nilma Lino. A mulher negra que vi de perto. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

GOMES, Sergio . **Preconceito e Discriminaçâo**: as bases da violência contra a mulher. Psicologia: Ciência e Profissão (Impresso) , v. 30, p. 556-571, 2010.

GONZALES, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1982. Disponível em: Acesso em: 13, Mai 2023.

HENRIQUES, Ricardo. **Raça e gênero no sistema de ensino**: os limites das políticas universalistas na educação. Brasília: Unesco, 2002.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demógráfico 2022.** Disponível em Acesso em 20mai2024.

IFTO. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins. **Inclusão, Acessibilidade e Diversidade.** (2020). Disponível em https://portal.ifto.edu.br/ifto/reitoria/pro-reitorias/proae/inclusao-e-diversidade. Acesso em 15mai2024

IFTO. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins. **IFTO**

promove ações em alusão ao Dia da Consciência Negra. https://www.ifto.edu.br/noticias/ifto-promove-acoes-em-alusao-ao-dia-da-consciencia-negra#:~:text=O%20Instituto%20Federal%20do%20Tocantins,dos%20povos%20negro%20e%20ind%C3%ADgena**.** Acesso em 02mai2024**.**

JESUS, Carolina Maria de, 1914-**1977 Quarto de despejo**: diário de uma favelada / Carolina Maria de Jesus; 10. ed. - São Paulo : Ática, 2014. 200p.

LEITÃO. C. **A entrevista como instrumento de pesquisa científica: planejamento, execução e análise** Carla Leitão. Sociedade Brasileira de Computação (2021). Disponível em https://metodologia.ceie-br.org/wp-content/2021/10/livro3-cap7-.pdf. Acesso em 13abr2024

LORDE, Audre. As ferramentas do mestre nunca vão desmantelar a casa grande. In: **Second Sex Conference**, The Personal and the Political Panel, New York, 1979. Disponível em: https://www.academia.edu/11277332/LORDE_Audre__As_ferramentas_do_mestre_nunca_v%C3%A3o_desmantelar_a_casa-grande. Acesso em: 20abr2024

LYNN, L. E. **Designing Public Policy**: A Casebook on the Role of Policy Analysis. Santa Monica, Calif.: Goodyear. 1980.

MACHADO, Bárbara Araújo. “Escrevivência”: a trajetória de Conceição Evaristo

MEAD, L. M. **Public Policy:** Vision, Potential, Limits”, Policy Currents, Fevereiro: 1-4. 1995.

NOVELLINO, Maria Salet Ferreira. **Os estudos sobre feminização da pobreza e políticas públicas para mulheres**. XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambú, MG, 2004.

PINTO, Giselle. **Situação das mulheres negras no mercado de trabalho: uma análise dos indicadores sociais**. In: XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2006, Caxambú. Anais. Caxambú: ABEPSS, 2006.

SILVA, Maria Nilza da***. Mulheres negras***: o preço de uma trajetória de sucesso. PUC/SP, Dissertação Mestrado, 1999.

SILVA, Petronilha B. G. e. Citizenship and education in Brazi. In: BANKS, James. Diversity, Citizenship and Education. San Francisco: Jossy-Bass, 2004. p.185-218

PINTO, Giselle. **Situação das mulheres negras no mercado de trabalho: uma análise dos indicadores sociais**. In: XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2006, Caxambú. Anais. Caxambú: ABEPSS, 2006.

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, D. O que é: lugar de fala?. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017

ROSA, Rosane Porsche; VIEIRA, Leonardo Cardozo. **Inclusão da cultura afro-brasileira na educação.** Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 23,

nº 3, 24 de janeiro de 2023. Disponível em: https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/3/inclusao-da-cultura-afro-brasileira-na-educacao, Acesso em 05mai2024.

SANTOS, Winnie Nascimento. **Significações de mulheres pretas inseridas no mundo do trabalho em posições de prestígio social.** 2020. 174f. Dissertação (Mestrado em Psicologia social). Pontifícia Universidade Católica, PUC-SP, São Paulo.

VALENTE, Ana Lúcia E. F**. Ser Negro No Brasil Hoje**. 11 ed. São Paulo: Moderna, 1994.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

VIGGIANI BICUDO, M. A. (2020). **PESQUISA FENOMENOLÓGICA EM EDUCAÇÃO**: POSSIBILIDADES E DESAFIOS. PARADIGMA, 30-56. https://doi.org/10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2020.p30-56.id928

WERNECK, Jurema. **Políticas públicas para as mulheres negras**. Passo a passo, defesa, monitoramento, e avaliação de políticas públicas. Rio de Janeiro, Criola, 2010.